

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A ESCRITA DA HISTÓRIA EM POLÍBIO: TIMEU E A ANTITESE DO HISTORIADOR  
IDEAL

CAMILLA NUNES CAMPOS

BRASÍLIA  
2013

CAMILLA NUNES CAMPOS

A ESCRITA DA HISTÓRIA EM POLÍBIO: TIMEU E A ANTITESE DO HISTORIADOR  
IDEAL

Monografia apresentada ao Departamento de História  
do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de  
Brasília para a obtenção do grau de bacharelado em  
História. Defesa oral: 18 de julho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna (Orientador)

---

Prof. Dr. Vicente Dobroruka (Membro Interno)

---

Ms. Raul Vitor Rodrigues Peixoto (Doutorando do PPGHIS-UnB)

## RESUMO

As *Histórias* de Políbio são ao mesmo tempo uma inovação e uma continuidade. Por um lado, elas dão seguimento à preocupação grega de escrever de modo específico sobre os acontecimentos que os rodeiam, em uma tentativa de entender os feitos dos homens; por outro, representam o principal caso de história universal, com um fim pragmático. Nelas podemos compreender o mundo da ascensão romana e a conquista do mundo por eles conhecido em menos de cinquenta e três anos, tendo como “guia” um historiador grego levado como cativo para Roma depois da derrota da Liga Aqueia. Todavia, mais do que um historiador, Políbio foi um militar versado em política e profundo conhecedor dos eventos passado. Estudou, vivenciou e coletou informações até ter tudo que precisava para escrever suas *Histórias*. E não se limitou somente a escrever, questionou e criticou. Suas críticas a outros historiadores são dignas de nota, especialmente quanto tratamos da crítica feita a Timeu. Homem público importante (embora prisioneiro de guerra dos romanos), Políbio entendia ser necessário mostrar aos homens os erros cometidos por Timeu, deixando claro que sua forma de fazer história era antes de tudo uma obra repleta de fantasia e engrandecimentos retóricos, postura da qual Políbio diz se afastar.

PALAVRAS-CHAVE: Políbio, Roma, Timeu, historiografia.

*Affliction comes to us, not to make us sad but sober; not to make us sorry, but wise*

H.G. Wells

## AGRADECIMENTOS

Todo o trabalho e o esforço realizados para a conclusão desta monografia teriam sido em vão se eu não tivesse recebido a ajuda de algumas pessoas que merecem muito mais que do que um mero agradecimento. Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, que mesmo com todas as limitações visuais que me deu também me agraciou com a ajuda necessária para supera-las. Em segundo lugar gostaria de agradecer a minha família por me incentivar, ajudar e estimular durante toda a minha vida, mesmo quando eu achei que não chegaria muito longe. Obrigada por sempre me tratarem como uma pessoa capaz de ir muito além do esperado. É graças a vocês que cheguei tão longe.

Agradeço também a dois importantes professores em meu período de graduação na Universidade de Brasília. Ao Prof. Dr. Vicente Dobroruka, por ter me dado aquele incentivo extra para buscar uma orientação e por ter me indicado alguém fantástico para tal exercício. Ao Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna, por ter aceitado ser me orientador e ter sido meu guia durante o estudo para esta monografia e, espero eu, que durante um possível mestrado. Afinal, sem suas indicações, puxões de orelha por responder aos e-mails de forma lenta e incentivos eu não teria chegado até aqui da forma que cheguei. Agradeço também ao Prof. Raul Vitor Rodrigues Peixoto por ter aceitado fazer parte de minha banca examinadora.

Gostaria também de agradecer ao CNPq e à Universidade de Brasília, por terem me proporcionado a oportunidade de dar os primeiros passos rumo à pesquisa acadêmica, mostrando-me que apesar, de cansativo, esse é um meio extremamente recompensador.

Agradeço ainda aos amigos e colegas que durante toda minha vida me ajudaram a me tornar a pessoa que sou hoje. Nem sempre com incentivos, é verdade, mas como diz o velho ditado “aquilo que não nos mata nos fortalece”. E aquilo que nós alegra merece um lugar especial em nossa memória para o resto de uma vida. Obrigada por tudo.

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 – Políbio e sua obra.....	9
1.1 Da <i>pólis</i> ao círculo cipiônico.....	9
1.2 A história que inspirou sua investigação.....	13
Capítulo 2 – Políbio e a história pragmática.....	16
2.1. Causa, início e pretexto.....	19
2.2 A moral e o julgamento.....	20
Capítulo 3 – Políbio contra Timeu.....	23
3.1. A vida e a obra de Timeu.....	23
3.2 A antítese do historiador ideal.....	24
Considerações finais.....	30
Referências bibliográficas.....	31

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve início no ano de 2012, com a iniciação científica disponibilizada pelo PROIC-UnB/CNPq. Ocorreu, assim, o primeiro contato com as *Histórias* de Políbio, objeto que logo veio a se tornar tema desta monografia

Estudar uma obra como a de Políbio se faz necessário não somente pela possibilidade de aprofundarmos um conhecimento específico, mas também pela confluência dos eventos mediterrânicos no tempo do autor. Como menciona Finley (1977, 192), nos séculos seguintes à morte de Alexandre o Grande, o centro político do mundo sofreu imensas mudanças, de Atenas e Esparta à Tebas, indo posteriormente para a Macedônia e para as duas Ligas que surgiram em defesa do mundo grego políada: a Liga Aqueia e a Liga Etólia. De um mundo que por séculos vira seu poderio em mãos gregas, a ascensão romana era algo único.

A singularidade do processo em questão não se encontra localizada na pura sorte, mas sim em seu momento único no qual um poderio mundial ascende e interliga os acontecimentos antes parciais de uma história que toma um formato mais universal. Com efeito, foi especialmente a partir da Terceira Guerra Macedônica (171-168 a.C.) que os acontecimentos na Itália e na África começaram a se entrelaçar com os da Ásia e da Grécia de modo mais intenso, e a história assumiu uma nova forma. E tal forma precisava de uma nova escrita. Observemos abaixo um trecho acerca deste momento retirado da própria obra de Políbio:

[...] depois desses tempos, [...] a história tornou-se algo material, as ações na Itália e na Líbia se interligaram às na Ásia e na Grécia, e a referência a elas se fez com um único fim. Por isso apontamos o início de nossa obra a partir desses tempos. Pois na guerra supra-citada, tendo os romanos vencido os cartagineses e julgado que levaram a cabo a parte maior e mais importante rumo a um projeto global, em seguida pela primeira vez resolveram estender as mãos sobre as restantes e atravessar com exércitos para a Grécia e regiões da Ásia. (POLÍBIO, *Histórias*, 1.3).

Uma importante característica da obra de Políbio que sempre devemos ter em mente, e que é mencionada pelo próprio autor (POLÍBIO, *Histórias*, 1.3), é a ruptura ocorrida com o padrão de história vigente até o momento, que relata apenas acontecimentos isolados. Assim,

em sua obra Políbio faz justamente aquilo que se propôs a fazer: explicar com que meios e sobre que constituição Roma foi capaz de subjugar, em cinquenta e três anos (220 – 167 .C.) , “todo o mundo habitado” (WALBANK, 1990: 3-4). Podemos inferir de tal afirmação que, na visão de Políbio, a “simples” narrativa dos fatos que levam à conquista romana do Mediterrâneo é a narrativa de fatos mundiais (POLÍBIO, *Histórias*, 1.4) naquele presente momento. É fato que a história romana republicana (até Políbio, ao menos) nos chegou de forma majoritária em língua grega e que o conhecimento de sua história que temos atualmente foi deixado por pessoas que, mesmo “romanizadas”, nunca deixaram de ser gregas.

Políbio é um desses homens; sua obra, *Histórias*, nos mostra um olhar de curiosidade e necessidade de entendimento acerca de um povo que cada vez mais ocupava seu espaço no mundo. Seu olhar, mesmo que estrangeiro, enriquece nosso entendimento acerca de Roma, seu povo e sua cultura. Além disto, suas importantes críticas aos historiadores que o antecederam fazem de sua obra não só um novo modo de escrever a história, mas também de ver a história. Era preciso modificar a forma como estava sendo escrita, mostrando especialmente como Timeu havia se equivocado em suas *Histórias*.

Entende-se neste trabalho que, primeiramente, devemos compreender a vida de Políbio e sua história para então partirmos para a sua obra. Desta forma, o primeiro capítulo desta monografia analisa como a vida de Políbio e suas experiências serviram como base para suas *Histórias*. Procuramos mostrar o motivo pelo qual o período histórico adotado por Políbio bem como seu conteúdo e a história por trás de sua obra. No segundo capítulo, analisamos de forma mais detalhada suas *Histórias*, verificando as temáticas fundamentais e parte dos pensamentos do autor por trás de sua escrita, tais como sua visão moral e seu julgamento.

Por fim, depois desses esclarecimentos, analisamos a crítica de Políbio a Timeu. A partir daí, podemos entender porque Timeu acabou por se tornar uma peça fundamental nas críticas feitas pelo historiador de Megalópole. Fundamental não somente por ser o que se pode chamar a “antítese de um historiador ideal”, mas também pela grande reputação que possuía no período helenístico.

# CAPÍTULO 1

## POLÍBIO E SUA OBRA

### 1.1 Da *pólis* ao círculo cipiônico

Em primeiro lugar, devemos levar em consideração que as *Histórias* de Políbio possuem um caráter pragmático, e que estão voltadas para o público de sua época. Como observa Kury (1985, 34) na introdução de sua tradução desta obra, ela é extremamente política e militar, tendo em vista homens de Estado. Agora, quais homens? Podemos facilmente deduzir que seriam em parte gregos, uma vez que sua obra foi escrita em língua grega. Todavia, é preciso lembrar que a elite romana, aquela com a qual Políbio conviveu ou aquela que viria a existir posteriormente, possuía um conhecimento tanto do latim como do grego, o que leva Walbank (1990, 3) a inferir que Políbio teria escrito primordialmente para gregos, contudo não esquece dos romanos; fato que é completamente aceitável para nós.

O império romano, sem dúvida, é um objeto de estudo notável da historiografia, que fascina até os dias de hoje. Políbio viu no surgimento de tamanho poder algo a ser entendido, minuciosamente estudado e decifrado. Sua ascensão foi mais do que mera sorte; era uma mudança que merecia ser escrita e entendida<sup>1</sup>.

A singularidade e a grandeza do espetáculo apresentado pelo período ao qual desejo dedicar-me aparecerão com nitidez ainda maior se pusermos lado a lado e compararmos com o domínio dos romanos os impérios mais famosos do passado, tema principal da maioria dos historiadores. Os mais dignos de serem postos assim lado a lado e comparados são os mencionados a seguir. Os persas foram detentores durante um certo período de um grande poderio e império; todas as vezes porém que se puseram a ultrapassar as fronteiras da Ásia puseram em perigo não somente a segurança desse império mas também a sua própria existência. Os lacedemônios, depois de haverem disputado ao longo de muitos anos a hegemonia da Hélade, conquistaram-na afinal, mas apenas para mantê-la incontestada por um período de menos de doze anos. O domínio dos macedônios na Europa estendeu-se somente na região do mar Adriático até os Istros, ou seja, uma porção evidentemente insignificante do continente; mais tarde, após vencerem o império persa eles passaram a dominar também a Ásia. Entretanto, embora seu império tenha

---

<sup>1</sup> A história pragmática de Políbio será explorada posteriormente nesta monografia.

sido considerado geograficamente e politicamente o mais extenso de todos, eles ainda deixaram de fora do mesmo a maior parte do mundo habitado – com efeito os macedônios jamais tentaram sequer disputar a posse da Sicília, de Sandró, (...) Os romanos todavia sujeitaram ao seu domínio não algumas partes do mundo, mas aproximadamente todo ele. (POLÍBIO, *Histórias*, 1.2)

Dito isto, primeiro devemos entender o processo que levou um historiador grego até Roma, o que o motivou para que escrevesse uma obra que perdurou no tempo, sendo até os dias atuais uma fonte vasta de informações. Passemos, então, à apresentação da trajetória de Políbio para depois entendermos sua obra.

Políbio nasceu por volta de 200 a.C.<sup>2</sup> na cidade de Megalópolis, localizada na Arcádia e pertencente a Liga Áqueia<sup>3</sup>. Nasceu em meio à uma família aristocrática, sendo filho de Licortas, influente homem de sua época e comandante da Liga Áqueia (POLÍBIO, *Histórias*, 3.38-39). Sua infância e adolescência foram regradas de uma educação literária e filosófica compatível com seu berço, contudo é impossível negar que sua grande influência foi a vida política e militar. Devemos ter em mente que tal período de sua vida não deve ter sido de plena calma, uma vez que foi justamente durante sua infância/adolescência que ocorreu uma complicação da Liga Aquéia com a Liga Etólia e Antíoco III<sup>4</sup>.

Sua carreira militar provavelmente teve início por volta de 190 a. C, quando lutou na campanha romana entre os anos de 190 a.C. e 188 a.C contra Antíoco III, na Ásia, da qual Liga Áqueia participou<sup>5</sup>. Posteriormente, segundo Kury (1996, 31), tomou parte na expedição de socorro a Eumenes, que se via ameaçado pelos gálatas. Apesar de não possuir idade legal, chegou a acompanhar o pai ao Egito com o objetivo de restabelecer a aliança da Liga com o rei Ptolomeu V. Foi hiparca<sup>6</sup> da Liga durante os anos de 170 a.C e 169 a.C, período que

---

<sup>2</sup> Há divergências quanto a data de seu nascimento, contudo parece haver uma concordância geral no sentido de que esta teria sido ou no início do século III a.C. ou nos anos finais do século II a.C.. Segundo Walbank (1990, p. 6-7), Políbio teria nascido em 200 a.C., enquanto para Kury (1985, p. 31) teria sido por volta de 208 a. C. e, de acordo com Bury(2006, 191) teria sido no ano de 198 a.C..

<sup>3</sup> Formada no ano de 368 a.C. por parte das cidades-Estado helenísticas não exauridas durante os conflitos do século IV a.C, a Liga Aqueia visava proteger a liberdade dos gregos frente à ameaça externa nos séculos III a.C. e II. A.C.. Sua formação inicial continha 12 cidades do Peloponeso (desde 245 a. C) e a partir do ano de 198 a.C passou a possuir a adesão de todas as cidades do Peloponeso. (SEBASTIANI, 2012: 51)

<sup>4</sup> A Liga Etólia havia se aliado à Roma durante a Primeira Guerra Macedônica (211-205 a.C.), contudo ao fim desta ratificou o tratado de forma separada, permitindo que cada cidade-Estado membro de sua Liga decidisse acerca da ratificação. Tal fato foi de grande desagrado para os romanos e fez com que, após a Segunda Guerra Púnica, o pedido de aliança com Roma fosse negado. Após a partida romana, a Liga nomeou Antióco III como seu soberano, o que posteriormente levou à Guerra de Roma contra a Liga e Antíoco III. (DERROW, 1979: 8-12)

<sup>5</sup> Para uma melhor explanação, ver o texto de Badian (1952, 76-80).

<sup>6</sup> O hiparca era um magistrado annal assim como os demais, contudo estava abaixo na hierarquia somente do *strategôs* (SEBASTIANI, 2012: 51).

coincide com os anos finais da Terceira Guerra Macedônica. A posição de neutralidade escolhida pela Liga Aquéia, por Políbio e seu pai (POLÍBIO, *Histórias*, 13. 3), no conflito foi extremamente insatisfatória para o poderio romano.

Segundo Walbank (1990, 7), quando em 168 a.C. Roma derrotou a Macedônia na batalha de Pidna, a neutralidade da Liga não foi perdoada. A Macedônia, que já havia entrado em Guerra com Roma ao menos outras duas vezes, de acordo com Waterfield (2010, xii), teve seu território dividido em quatro regiões administrativas, todas tributárias de Roma. Os aliados macedônicos foram brutalmente atacados e, de acordo com Políbio, a cidade de Epiro saqueada e mais de 150.000 pessoas foram vendidas como escravos. As cidades aliadas de Rodes e Pérgamo também não foram poupadas, por não terem ajudado o suficiente Roma na campanha. Roma, vencedora, reclamou reféns das Ligas gregas, homens que segundo ela não defendiam o interesse romano, e assim 1.000 mil homens aristocráticos da Liga Áqueia, dentre eles Políbio, rumaram para Roma.

Políbio viveu em meio aos romanos por volta de 16 anos (167 a.C – 149 a.C) antes que tivesse a permissão do senado para retornar à Grécia<sup>7</sup>. Durante seu exílio, a fortuna da qual tanto fala parecia estar a seu favor. Graças a sua criação, seus conhecimentos e círculo social, Políbio teve permissão para permanecer em Roma, ao contrário de muitos outros reféns que foram alocados em províncias romanas. Entretanto, a sorte não foi tudo, sua amizade rapidamente feita com o Cipião Emiliano, filho natural de Paulo Emiliano, e adotivo de um dos filhos do Cipião Africano, garantiu de forma ainda mais concreta sua permanência em Roma.

Foi durante seu exílio numa das cidades mais importantes daquele século que Políbio iniciou suas *Histórias*. Ali pode desfrutar do círculo cipiônico, tecendo uma amizade não somente com Cipião Emiliano, mas também com seu irmão Quinto Fábio Máximo (WATERFIELD, 2010: xiii). Vejamos abaixo um trecho escrito por Políbio acerca desta amizade:

[...] Já expliquei que esses contactos começaram com o empréstimo de alguns livros e conversas sobre os mesmos. As relações dos dois já eram íntimas quando os aqueus deportados em Roma foram mandados para as cidades das províncias, e Fábio e Cipião, filhos de Lúcio Emílio, pediram insistentemente ao pretor para permitir a permanência de Políbios em Roma.

---

<sup>7</sup> De acordo com Waterfield (2010, xii) esta decisão de “libertar” os gregos tomados como reféns não foi simplesmente uma escolha do Senado romano. Segundo o autor, os aqueus enviaram durante um bom período de tempo embaixadas a Roma para que os reféns fossem libertados.

Essa permissão foi dada e os contactos passaram a ser ainda mais constantes [...] (POLÍBIO, *Histórias*, 30.23)

Notamos, assim, que a amizade adquirida por Políbio se estendia para além de simples diálogos, e com o passar do tempo tomava proporções ainda maiores. Isto, sem dúvida, foi um fator determinante tanto em sua vida como em sua obra, permitindo que ele tivesse um conhecimento em primeira mão de assuntos romanos (tanto políticos como militares e culturais). Todavia, é preciso destacar que Cipião e seu irmão dificilmente devem ter sido os únicos contatos de Políbio em Roma. Walbank (1990, 9) deixa isso bem claro ao relatar que nessa época o jovem Cipião teria por volta de seus 17 ou 18 anos, enquanto Políbio teria aproximadamente seus 30 anos.

Aparentemente, em seus anos de exílio, Políbio possuía certa liberdade de ir e vir, viajando por diversas localidades seja a desejo de Roma ou em busca de saciar suas curiosidades investigativas. Waterfield (2010, xiv) nos relata que Políbio chegou a fazer diversas viagens à cidade de Lócrio, no sul da Itália, para ajudar os locrianos a conseguirem algumas isenções em seus tratados com Roma. Todavia, o fator mais importante em tal relato é o fato de os próprios locrianos terem pedido a ajuda de Políbio, o que demonstraria que o autor possuía influência na política romana. Se observarmos uma importante passagem de Políbio (*Histórias*, 3.48), veremos a descrição do autor para sua viagem pelos Alpes (nos quais, em sua viagem de retorno, tentou fazer a mesma rota de Aníbal). O ano de tal viagem, de acordo com Sebastiani (2012, 54), teria sido 151 a.C., ano no qual Políbio teria recebido permissão para viajar em campanha ao lado do Cipião Emiliano. Além do mais, é aí que Políbio nos deixa descrições de grande parte do Mediterrâneo.

Mesmo que em 150 a.C. tenha recebido permissão para retornar a sua pátria, Políbio não abandonou Roma, que na visão de Kury (1996, 33) era quase que sua segunda pátria. Contudo, parece-nos que algumas de suas viagens mais importantes estão fortemente ligadas à figura de Cipião Emiliano. É ao lado deste que Políbio volta a viajar, após uma breve ida à Grécia, em 150 a.C.. É nesta campanha, durante a Terceira Guerra Púnica, que o autor presencia a destruição de Cartago no ano de 146 a.C..

Quando Asdrúbal, o comandante cartaginês, lançou-se como suplicante aos seus joelhos, Cipião voltou-se para os homens em sua volta e disse: “Vede, amigos, como a Sorte sabe dar boas lições, golpeando dessa maneira os

homens incapazes de pensar! Este é o mesmo Asdrúbal que há pouco tempo rejeitou minhas ofertas generosas que lhe fiz, (...) Segundo consta Cipião, vendo a cidade completamente arrasada e nós últimos estertores de destruição total, deixou cair lágrimas e chorou à vista de todos pelo infortúnio do inimigo. (POLÍBIO, *Histórias*, 28. 20-22)

Neste mesmo ano, Políbio ainda chegou a presenciar a queda de outra importante cidade, Corinto, principal cidade da Liga Aqueia, que então estava em guerra com Roma<sup>8</sup>. É preciso aqui dizer que Políbio se encontrava completamente contrário à posição adotada pelos aqueus durante este conflito, fator que provavelmente o levou a ser o encarregado de aplicar o novo estatuto imposto pelos romanos à região do Peloponeso. Seu retorno a Roma veio a ocorrer somente no ano de 144 a.C., quando prestou contas acerca de sua missão (POLÍBIO, *Histórias*, 39.5).

Infelizmente, não possuímos mais referências quanto à vida de Políbio depois do ano de 133 a.C.. Entretanto, Waterfield (2010, xiv) sugere que o autor dificilmente deve ter ficado restrito a um só lugar ou uma só atividade devido a sua longa história militar e política. Sabemos, ao menos com certa segurança, como aponta Walbank (1090, 13), que Políbio teria morrido no ano de 126 a.C., em decorrência de uma queda de cavalo enquanto calvagava para sua casa em Megalópolis.

## 1.2 A história que inspirou sua investigação

Uma vez conhecendo seu autor, podemos finalmente colocar em foco sua obra<sup>9</sup>. Sabe-se que suas *Histórias* começaram a ser escritas durante seu exílio em Roma, e se tomarmos como base Bury (1908, 192), veremos que seus primeiros quinze livros chegaram a ser escritos durante o exílio. Independentemente de onde e quando foram escritos sabemos que sua ideia original era escrever a história de um mundo universal, no qual as conquistas de Roma em menos de cinquenta e três anos tomariam o palco central. Assim, o autor toma como data inicial o ano de 220 a.C., ano da Segunda Guerra Púnica, e escolhe como ano final

---

<sup>8</sup> A guerra com Roma se deveu à Guerra da Acaia, que ocorreu entre os anos de 149 e 146 a. C., na qual Esparta lutava contra algumas das cidades pertencentes à Liga Aqueia. Essa cisão entre seus aliados deixou os romanos insatisfeitos. O senado, em uma tentativa de resolver o problema, enviou uma embaixada que chegou posteriormente a determinar que algumas cidades da Liga deveriam ter uma maior autonomia, para que o problema fosse resolvido. Contudo, tal fato pareceu agravar ainda mais o conflito, o que levou a uma maior intervenção romana, levando assim a uma derrota da liga Aquéia e pilhagem de Corinto. (WATERFIELD, 2010: xiv)

<sup>9</sup> Políbio não escreveu somente as *Historias*, contudo está é a única obra que possuímos dele.

a conquista romana da Macedônia, ocorrida no ano de 168 a.C.. Posteriormente, Políbio estende sua data final para o ano de 146 a.C. por crer que assim poderia explicar melhor os acontecimentos que levaram à Segunda Guerra Púnica.

Sua obra possuía um total de 40 livros, contudo somente nos chegaram de forma completa seus cinco primeiros livros. Os demais livros (do 6 até 39) nos chegaram em fragmentos (WALBANK, 1990: 16). Seus dois primeiros livros são uma introdução de seu tema e delimitam os acontecimentos entre Roma e Cartago durante a Primeira Guerra Púnica e o início da Guerra Anibálica em 264 a.C.. Seu terceiro livro narra os acontecimentos do ano de 216 a.C. e tem como fim a grande vitória de Aníbal em Canas. O quarto livro e o quinto livro ilustram os acontecimentos na Grécia e no Mediterrâneo antes de 216 a.C..

Apesar de fragmentada e incompleta, sua obra tem grande valor cultural e histórico. Ela marca não só um período de mudança no poderio mundial como na própria historiografia existente à época. Sua funcionalidade se encontra no desejo do autor de fazer uma história pragmática, ou seja, uma história contemporânea dos acontecimentos que narra, com caráter essencialmente político e militar. Mas de onde vinha a necessidade de se escrever tal história?

[...] Realmente, embora esteja produzindo sempre algo de novo e intervindo na vida humana, em nenhuma outra circunstância a Sorte jamais realizou tal obra nem encenou tal espetáculo como em nossa época. Não podemos de forma alguma perceber esse fato por meio de Histórias dedicada a eventos parciais, da mesma forma que não podemos chegar imediatamente a uma noção da configuração do mundo inteiro, de sua disposição e ordem, visando as cidades mais famosas uma de cada vez, ou vendo separadamente mapas de cada uma; (...) (POLÍBIO, *Histórias*, 1. 4)

Para Políbio, a história que o antecede nada mais é do que algo parcial, algo que não explica o mundo como deveria ser. Mesmo Tucídides não a fez de forma completa. Este acreditava que era impossível entender o passado a partir do presente e somente uma observação direta – o testemunho – poderia ser tido como fonte segura. É impossível negarmos que Políbio toma como base parte de sua tradição – suas observações e testemunhos

<sup>10</sup>

Outros nomes podem e devem ser citados nesta exemplificação de precedentes históricos. Teopompo tentou inovar ao escrever sua história, contudo concentra sua atenção

---

<sup>10</sup> Para maiores explicações acerca do método adotado por Políbio tendo como base Tucídides, ver Walbank (1990, 48-74).

nos indivíduos, deixando de lado os acontecimentos. Timeu sentou-se em sua biblioteca por cinquenta anos e nunca realmente explorou o mundo sobre o qual escrevia. Políbio chega ainda a criticar Heródoto, contudo deixarei suas críticas pausadas nesse ponto para que possamos entender sua visão do que seria um historiador e de como uma história deveria ser, de fato, feita.

## CAPÍTULO 2

### POLÍBIO E A HISTÓRIA PRAGMÁTICA

Mais do que um homem versado em política e nos assuntos militares, Políbio demonstra desde o início de sua obra largo conhecimento acerca das tradições historiográfica (especialmente aquelas dos séculos IV e III)<sup>11</sup>, literatura e retórica. Não sabemos ao certo como foi sua educação, uma vez que não há uma fonte precisa para isso; contudo, segundo Walbank (1990, 34), podemos afirmar que Políbio possuía uma usual educação helenística. Faz-se plausível acrescentar, ainda, que mesmo que a educação de Políbio tenha sido a “usual”, é impossível negar que esta teria sido uma educação privilegiada e diversificada do homem comum, abrangendo diversos assuntos que ultrapassavam a retórica e a literatura, afinal ele nasceu em uma família de grande importância no mundo grego.

O conhecimento adquirido durante sua educação, somado ao seu conhecimento geográfico, sua grande vivência em assuntos militares e participações políticas de diversas naturezas, formam a base principal de sua obra. É graças a tudo isso que Políbio escreve uma obra como a que possuímos em mãos. Todavia, não se pode atribuir a Políbio a criação de seu “gênero” de história, de uma história pragmática por assim dizer. Ela surge de uma junção daquele “fazer história” que já existia e de uma necessidade que vinha há anos se mostrando fundamental. O conhecimento histórico para Políbio pode ser descrito como tendo uma importância prática fundamental para uma vida política atuante, permitindo o entendimento das mudanças e dos desvios da Sorte.

A história pragmática não é, de modo algum, uma criação de Políbio. [...] Vinda sem dúvida da retórica, a expressão designa a história moderna por oposição às genealogias fabulosas e às histórias *kíseis*; aplicada a uma obra histórica ela designa o elemento narrativo distinto dos desenvolvimentos de outra espécie, geográficos ou filosóficos [...] (PÉDECH, 1964, 32)

Acrescentamos, ainda, a essa história filosófica ou geográfica, criticada por Políbio por atrair somente “os curiosos e os apreciadores de fatos singulares” e descrita no trecho de

---

<sup>11</sup> Dentre as tradições históricas por ele apontadas, e criticadas por não narrarem as totalidades importantes da história, estão: a narrativa de guerras isoladas e de alguns aspectos das mesms, histórias acerca de grandes homens e seus feitos e narrativas de fatos isolados que são tidos mesmo em sua curta narrativa como uma história geral (POLÍBIO, *HISTÓRIAS*, 1.4)

Pédech, a história fantasiosa e a história mítica<sup>12</sup>. Políbio critica abertamente os “historiadores fantásticos” por atraírem por meio de sua narrativa os “leitores superficiais” e aqueles que levavam como base de sua escrita os mitos. Não que Políbio fosse um descrente em relação à mitologia grega, ele simplesmente buscava algo que considerava ser de fato útil.

A utilidade da obra é um dos pontos principais de suas *Histórias*. Para ele, a história deve ser funcional, capaz de explicar fatos e relatá-los corretamente. Ela não deve relatar fatos como em um épico – baseando-se mais na imaginação do autor do que em eventos - ou narrar somente a vida de grandes homens. Políbio não desejava simplesmente entreter o leitor, desejava ensiná-lo. Não podemos esquecer que seu público eram homens atuantes na política e em assuntos militares, o que junto com sua própria formação o leva a escrever sobre assuntos militares e políticos. Contudo, mais do que simplesmente ensinar, mais do que narrar fatos e mostrar opiniões, Políbio deseja argumentar com seu leitor, analisando e expondo os evento que narra.

Sequer é preciso ler toda sua obra para tomar conhecimento de sua primeira característica - sua ideia de história universal. Tal ponto pode ser perfeitamente exposto na escolha de seu tema, qual seja, a ascensão romana e a conquista de todo o mundo habitado em menos de cinquenta e três anos, assunto que se opõe diretamente às histórias passadas, as histórias parciais. Nota-se assim que o assunto por ele escolhido não é simplesmente único ou marcante, mas sim contemporâneo de seu tempo, unindo todo o mundo em um mesmo “terreno”.

As histórias parciais contribuem muito pouco para o conhecimento do todo e para formar uma convicção quanto à sua veracidade; somente pelo estudo de todas as particularidades, semelhanças e diferenças ficamos capacitados a fazer uma apreciação geral, e assim tirar ao mesmo tempo proveito e prazer da história. (POLÍBIO, *Histórias*, 1.4)

Entretanto, não devemos limitá-lo puramente ao ato de narrar fatos contemporâneos, pois Políbio acredita ser crucial entender o passado. E não um entendimento para puro entretenimento, mas um entendimento do passado que pudesse proporcionar um conhecimento do presente, uma vez que a situação política contemporânea encontrava suas raízes no passado. Vemos que Políbio não faz uma ligação entre o presente e o futuro que

---

<sup>12</sup> Walbank também insere nesse meio a histórica trágica, que colocava tópicos triviais acima de tópicos realmente importantes. Para maiores detalhes acerca da história trágica, ver Walbank, (1960).

pode vir a ocorrer, mas sim entre passado e presente. Um seria fundamental para o entendimento do outro, para o esclarecimento do homem, para a interpretação do mundo.

Notamos, assim, que Políbio segue uma tradição, buscando em outros historiadores – apesar das fortes críticas que faz a alguns deles – uma base para aquilo que deseja realizar. Seu primeiro ponto de referência seria Éforo, primeiro historiador que se dispôs a escrever a história do mundo (POLÍBIO, *Histórias*, 33.1-3). De acordo com Walbank (1990, 3) a obra de Éforo era, basicamente, uma história das cidades-Estado que tangenciavam o Egeu – o que naquele período era de certa forma, para o autor, o mundo. De Éforo a Políbio a representação grega do mundo habitado aumentou de forma excepcional; para Políbio abrangia a dominação de todo o mundo habitado, que ia até os limites criados pela helenização ocorrida.

Ele busca ainda em Tucídides entender o passado por meio do presente, pois é o passado que guarda as importantes lições militares, políticas e morais. A moral para Políbio é a base do homem, sendo a moral guardada pelo passado o melhor corretivo para a sua conduta (POLÍBIO, *Histórias*, 1.1-2).

Podemos apontar ainda como herança da escola de Tucídides sua crença na observação direta, no próprio testemunho. De acordo com Tucídides a observação direta era o meio mais seguro para a pesquisa histórica. Contudo, Políbio não descarta o testemunho oral como fonte histórica (WALBANK, 1990: 40-42), outra das bases de Tucídides, fato que podemos facilmente notar quando observamos a data escolhida por ele para iniciar sua narrativa. Políbio escolhe justamente o ano de 220 a.C. como o início de sua *Histórias* pelo fato de existirem, para os acontecimentos a partir daquela data, testemunhas vivas disponíveis, pertencentes à geração anterior a dele e à sua própria geração – incluindo ainda seu testemunho particular acerca período (WALBANK, 1990: 42, 73-74, 79).

Vemos, então, que o estudo da história para Políbio só é possível quando temos um conjunto completo de fatores que, separados, não explicam quase nada. É preciso entender o passado e sua ligação com o presente levando em conta as lições que esse carrega, as políticas de um Estado, a vida e atuações militares, somando tudo isso ao indivíduo e suas próprias vivências (POLÍBIO; *Histórias*, 1.4). Todavia, isso não é o bastante; o próprio historiador precisa trazer consigo os elementos supracitados. Ele precisa possuir um passado que traga consigo uma moral aprendida, precisa ter experiência política, deve entender de assuntos militares e ainda conhecer o mundo do qual fala. E é com base em seu conhecimento, suas experiências de vida e moral que Políbio escreve.

## 2.1. Causa, início e pretexto

Além do fim pragmático, podemos destacar ainda outros importantes pontos indicados por Políbio como fundamentais para o entendimento da história e do mundo. O primeiro deles é a diferença entre causa e início, fatores que facilmente se confundem no decorrer da história.

[...] Pode-se dizer da mesma forma que a travessia de Alexandre para a Ásia foi a causa da Guerra Grego-Pérsica e que a chegada de Antíoco III em Demetrias foi a causa da guerra com Roma, mas nenhuma das duas assertivas é plausível ou verdadeira. Ninguém pode chamar essas ações de causas dessas guerras – no primeiro caso, muitos preparativos e planos para a Guerra Greco-Pérsica tinham sido feitos anteriormente por Alexandre, e alguns deles até por seu pai, Felipe II, quando ele ainda estava vivo, e de maneira similar pelos etólios, no Segundo caso, mesmo antes da chegada de Antíoco. Tal terminologia é usada por aqueles que não podem compreender quão grandioso é a distinção entre *início*, *causa* e *pretexto*, e que falha em ver que a *causa* é o primeiro elemento numa sequência de eventos dos quais o *início* é o último deles. Minha interpretação é que a palavra *início* deveria fazer referência à primeira tentativa de levar a cabo um plano que já havia sido decidido, e que a palavra *causa* deveria fazer referência aos eventos que influenciaram nossos propósitos e decisões. [...] A primeira causa verdadeira foi a marcha de retorno dos gregos sob Xenofonte através das satrapias superiores, durante a qual eles atravessaram toda a Ásia, mas nenhum dos bárbaros ousou desafiar-los, ainda que eles estivessem em território hostil. A segunda causa foi a invasão da Ásia pelo rei espartano Agesilaus, durante a qual ele não encontrou nenhuma oposição séria às suas incursões, ainda que tenha sido forçado, devido aos distúrbios na Grécia, a abandonar seu projeto e retornar para casa. Todos esses fatores convenceram Felipe II da covardia e indolência dos persas, em oposição a sua eficiência (e dos demais macedônios) na guerra. Ele pôde ver também a magnitude e o esplendor das recompensas que poderiam ser esperadas como resultado da guerra, bem como a que ele traria diante dos gregos. Ele, portanto, inventou o *pretext* de vingar as injúrias infligidas aos gregos pelos persas e canalizou suas energias para as preparações intensivas da guerra. Nós devemos, portanto, considerar os eventos mencionados como a *causa* da guerra contra os persas em

primeiro lugar, o *pretext* em Segundo lugar e o *início* da guerra como sendo a travessia de Alexandre para a Ásia. (POLÍBIO, *Histórias*, 3.6)

Temos, assim, que o início de determinado evento está totalmente ligado à ação humana, ao fazer e botar em prática algo já planejado ou decidido, e por causa tomamos aquilo que realmente é o início de um evento, fator ligado ao homem, mas concentrado em seu mundo interior – em sua mente, julgamento e sentimentos (WALBANK, 1990: 157-160). Ao distinguir início e causa, Políbio acaba por distinguir ação e intenção, sendo a intenção fator presente na causa, na mente do homem, e a ação fator marcante do início tido para um determinado evento. Todavia, causa e início não podem ser tidos como fatores completamente distintos, separados e existentes somente em um determinado momento. Ambos se cruzam: é a causa que leva ao início e é o início que gera toda uma cadeia de eventos futuros. Ambos de tal forma podem ser encontrados não somente no começo de um evento, mas por toda sua extensão. Eles perduram e precisam ser analisados com cuidado. Notamos, então, que a ideia fundamental da funcionalidade da história para Políbio pode ser facilmente apontada nesse questão, pois para realizarmos uma ação ou planejarmos algo de maneira correta precisamos conhecer aquilo que já ocorreu, para evitar que cometamos os mesmos erros do passado. Então, o estudo da história nos ensina, como já dito antes.

Ao ligar tais fatores, o autor também acaba por nos mostrar outro importante ponto de sua obra, qual seja, a distinção do que seria um *pretexto*. Políbio toma como *pretexto* a justificativa de um início, de uma ação humana. *Pretexto* é aquilo escolhido como resposta para tal feito, podendo ser verdadeiro ou falso. A distinção de um *pretexto*, sua análise posterior, exprime a busca de um historiador para entender aquela parte de um passado, e nos mostra uma nova característica da obra de Políbio: o julgamento/a moral.

## **2.2 A moral e o julgamento**

Desde o início das *Histórias* notamos a importância do julgamento humano ao se estudar a história, sendo ele inicialmente a própria razão para o estudo. Políbio deseja que seus leitores façam o mesmo, ou seja, ver na história os fatores que levaram a um determinado acontecimento. Tais fatores, ao serem entendidos, podem evitar que determinado erro se repita. Devemos ver aqui que não se trata de um simples coleta de informações e vivência dos fatos. Temos diante de nós um julgamento de valores, julgamento de ações e de situações. Afinal, analisar uma atitude como correta ou errada é um juízo de valor, está intrinsecamente

ligada ao próprio juízo de quem lê ou escreve. É preciso então ter em mente que as *Histórias* se encontram indubitavelmente ligadas à moral e ao julgamento de Políbio.

Seu primeiro e mais importante juízo é a escolha de seu tema. Foi ao observar a ascensão romana, e ao julgar que tal fator era decisivo para o mundo, que Políbio concebeu sua obra. E ele não a escreveu por divertimento, buscou contar ao mundo contemporâneo a magnitude de tal acontecimento e de como o povo romano não poderia ser simplesmente destruído. Buscou no passado, mostrando seu início e suas causas, o motivo de tal acontecimento.

A própria noção de *tyché*<sup>13</sup> utilizada por Políbio é um julgamento de valor. Ele não atribuía todas as causas à ação da *tyché*, tendo visto na ação humana a causa da maior parte dos acontecimentos. Não é apenas a *tyché* que leva à ascensão romana e à dominação de todo o mundo habitado em cinquenta e três anos, mas sim sua constituição. Para que possamos entender melhor sua visão acerca da *tyché* observemos o trecho a seguir:

Quanto a mim, por achar censuráveis as pessoas que atribuem eventos na vida pública e incidentes na vida privada à Sorte e ao Destino, desejo expor agora a minha opinião a esse respeito, tanto quanto é pertinente fazê-lo em uma obra puramente histórica. Realmente, a propósito dos fatos cujas causas uma criatura não pode de forma alguma ou somente com muita dificuldade perceber, devemos talvez ter razões quando procuramos sair da dificuldade atribuindo-os à interveniência de um Deus ou da Sorte. [...] Em face de eventos como estes devemos curvar-nos naturalmente diante da opinião popular, pois não somos capazes de saber porque eles ocorrem, [...]. Mas, em situações cujas causas eficientes e final podemos descobrir, não devemos, penso eu, atribuí-las à intervenção divina. (POLÍBIO, *Histórias*, 36.17)

Notamos, então, que o emprego da *tyché* como causa na visão de Políbio só deve ser atribuída quando não é possível ou dificilmente se pode encontrar a real causa. Seria essa causa inexplicável que pertenceria ao mundo divino, que teria sido criada por uma divindade. Atribuir todas as causas, sejam elas privadas ou políticas, à *tyché* seria esquecer que o homem também possui sua participação no mundo, sendo por meio dele e devido às atitudes dele que os acontecimentos ocorrem. Seja por um mal julgamento, por falta de conhecimento ou por buscar algo que talvez possa ser obtido, o que devemos notar é que para Políbio o homem é

---

<sup>13</sup> *Tyché* é o termo grego transliterado utilizado para a ideia de Sorte ou Fortuna.

fundamental.

Nessas circunstâncias seria absolutamente desnecessário pedir aos deuses para sugerirem um meio de nos livrarmos desse mal, pois qualquer homem comum nos diria que a cura mais comum estaria na própria ação humana, graças a um esforço para visar outros objetivos [...] (POLÍBIO, *Histórias*, 36.17)

Mais do que a causa que leva a tal fato, ele pode ser a causa que soluciona. E como ele viria a solucionar tais problemas ou encruzilhadas? Por meio da história. Assim, notamos as principais características da história de Políbio: sua funcionalidade e possibilidade de educação que levam a uma necessidade de uma história mundial<sup>14</sup>, à observação das causas e dos inícios – fatores determinantes na vida política e militar. Além disso, o conhecimento do historiador é um fator determinante, como já apontamos anteriormente. E é por isso que Políbio dedica parte de sua obra, especialmente o livro 12, à crítica de historiadores anteriores que segundo ele não realizaram um trabalho completo.

---

<sup>14</sup> Precisamos em meio a tudo isso entender o que Políbio considera por mundo ou por domínio de todo o mundo habitado. O “mundo” para Políbio é o mundo helenizado, no qual ele próprio se insere. Políbio é além de grego um homem nascido em meio aos povos helenizados do mundo mediterrânico. Assim, classifica como não pertencente ao mundo aquilo que é alheio, dividindo as localidades entre “helenizado” e “não helenizado”, sendo parte do mundo a Península Itálica, a Líbia, a Grécia e a Ásia.

## CAPÍTULO 3

### POLÍBIO CONTRA TIMEU

Embora a crítica historiográfica não seja o ponto central da obra de Políbio, não podemos negar que está presentes em sua obra e constitui um dos pontos mais relevantes. Não se trata apenas de criticar historiadores anteriores, mas sim de criticar sua metodologia. Normalmente breves, suas críticas tendem chegar a um fim rapidamente. Entretanto, Políbio acaba por dedicar o livro 12 de suas *Histórias* a criticar a metodologia de Timeu de Tauromênio. Infelizmente, o que nos chegou do livro 12 são fragmentos nos quais Políbio usa parte das narrativas de Timeu como exemplo de como não se deve escrever a história.

Além disso, havia dois outros motivos que levaram Políbio a criticar Timeu. O primeiro deles, segundo Baron (2013, 58), não visava somente ensinar como a história deveria ser escrita, mas também tomar para si a posição de historiador grego acerca do mundo romano que previamente pertencia a Timeu. Devemos, então, ter em mente que, ao lermos o livro 12, não estaremos lendo algo completamente imparcial. Políbio, tendo sido o homem estudado e vivido que foi, escreveu suas críticas com base em sua visão moral. Suas *Histórias* não nos trazem toda a obra de Timeu, mas apenas as partes escolhidas por Políbio para serem criticadas. Temos ainda apenas um dos lados dessa crítica, uma vez que apenas Políbio tem voz ativa – não havendo qualquer defesa por parte de Timeu (SEBASTIANI, 2008).

Já o segundo motivo defendido por Baron (2013, 59) é que a crítica historiográfica era um fator comum entre os historiadores antigos. Criticar e polemizar eram ferramentas comumente usadas desde o “início do gênero historiográfico”. Ao criticar uma obra historiográfica anterior, Políbio estava construindo seu próprio modo de escrever a história, solidificando suas bases e mostrando os motivos que levavam sua escrita a um patamar supostamente melhor que dos historiadores anteriores. Todavia, sua obra não é composta somente de críticas, nem Timeu é sua única vítima. Como apontado anteriormente, Políbio critica outras figuras historiográficas, apontando seus erros e até mesmo elogiando seus acertos. Entretanto, para entender as críticas feitas a Timeu, precisamos antes entender quem ele foi.

#### **3.1. A vida e obra de Timeu**

Não possuímos muitas evidências sobre a vida de Timeu; nossa maior evidência se encontra na obra do próprio autor e é com base nela que podemos fazer um pequeno desenho

acerca de sua vida. Filho de Andrômaco, refundador da cidade de Tauromênio no ano de 358/7 a.C., Timeu teria nascido por volta de 250 a.C.<sup>15</sup> e estudado sob as ordens de Filisco de Mileto. Sabemos que Timeu possivelmente foi expulso de Siracusa pelo tirano Agátocles<sup>16</sup> e que viveu seus últimos 50 anos em Atenas. Ali escreveu suas *Histórias*<sup>17</sup> sobre o mundo mediterrânico grego, partindo desdeo período mais recuado até 289 a.C., incluindo posteriormente partes sobre a guerra de Pirro do Epiro na Itália e na Sicília. (BARON: 2013, 18).

Durante sua vida Timeu teve a oportunidade de ver mudanças no poderio de Atenas, de uma *pólis* submetida a chefes macedôneos a uma Atenas democrática e o retorno à submissão de um poderio macedônico. Timeu chegou até mesmo a testemunhar a ascensão do poderio romano, que futuramente surpreenderia toda a Grécia.

Suas *Histórias* tomam como base cronológica a lista de vencedores olímpicos feita previamente pelo próprio autor, utilizando-se ainda de outras quatro listas: de reis e éforos espartanos, de magistrados atenienses e de sacerdotisas de Hera em Argos (POLÍBIO, *Histórias*, 12.11). Este é um dos fatores que Políbio não criticou em Timeu, chegando até mesmo a apreciar o empenho do autor por uma datação correta.

### 3.2 A antítese do historiador ideal

A primeira crítica feita por Políbio no livro 12 recai justamente sobre a “temporalidade” da obra de Timeu. Como nos aponta Sebastiani (2008, 9), Políbio divide o passado em três modalidades distintas, passíveis de serem abarcadas por um relato histórico. O primeiro seria o relato remoto, acessível apenas por meio da tradição e da consulta de documentos; o segundo seria o passado próximo, acessível ao historiador por meio de gerações passadas ainda vivas que o presenciaram, fazendo parte deste o testemunho oral e a consulta de fontes; o terceiro seria o presente vivido pelo próprio historiador.

---

<sup>15</sup> Não se sabe ao certo a data de nascimento de Timeu, contudo Baron (2013, 18) nos aponta que se Timeu pôde presenciar o início da Primeira Guerra Púnica em 264 a.C., seu nascimento teria ocorrido até o ano de 250 a.C.. Quanto a sua morte, também não possuímos uma data definitiva: alguns especulam que Timeu teria vivido por volta de 96 anos, contudo Baron nos aponta que dificilmente tal informação pode ser confiável. De acordo com Baron (2013, 21), uma possível estimativa dos anos de vida de Timeu seria de 350 a.C. até 260 a.C..

<sup>16</sup> Para maiores detalhes quanto à divergência de opiniões existentes no mundo acadêmico quanto ao possível banimento de Timeu por Agátocles, ver BARON (2013, 19-21).

<sup>17</sup> Timeu escreveu ainda mais duas obras: *Vencedores olímpicos* (que consiste em uma lista dos vencedores das corridas olímpicas) e *Pirro* (obra que tem como enfoque a guerra de Pirro na Itália e na Sicília durante 280-275 a.C.).

Ao ter deixado de lado o questionamento, extremamente importante para o entendimento do passado próximo e do presente na visão de Políbio, Timeu teria comprometido a veracidade de sua obra.

[...] concordo que é preciso predominar a verdade em obras de tal tipo, e conforme o assunto por vezes vejo-me eu próprio dizendo que tal como um corpo vivo privado da visão torna-se completamente inútil, do mesmo modo caso se suprima a verdade da história seu restante torna-se uma narração sem proveito [...] (POLÍBIO, *Histórias*, 12.3)

Ao não realizar um questionamento acerca daquilo que tomara como sua principal fonte, ou seja, ao não interrogar outras pessoas que poderiam ter presenciado os eventos narrados, Timeu permite a presença de inverdades em sua obra, o que para Políbio é algo inaceitável, já que uma obra histórica deve ser escrita com base naquilo que de fato ocorreu. Políbio vai além em sua crítica à falta de veracidade de Timeu, questionando mesmo se alguns dos fatos que Timeu teria presenciado teriam sido escritos com base na verdade ou se os fatos por ele não presenciados, mas narrados, teriam sido escritos de forma fiel à realidade. (BARON: 2013, 63)

[...] Quando descobrimos um ou duas afirmativas falsas num livro e elas são obviamente intencionais, evidentemente nenhuma palavra sequer escrita por seu autor poderá daí em diante ser considerada segura e fidedigna. Mas, para convencer as pessoas dispostas a defender esse autor devo falar também no critério adotado por ele para reproduzir os discursos nas assembléias populares, as exortações a soldados, as falas de embaixadores, em suma, todas as manifestações desse gênero que, digamos assim, resumem eventos e nos permitem seguir a trama de toda História. Pode algum leitor dessas manifestações deixar de notar que Timeu as reproduz infielmente na sua obra, e que agiu dessa maneira intencionalmente? De fato, ele não apresenta as palavras efetivamente proferidas nem o sentido do que foi realmente dito; ao contrário, imaginando o que deveria ter sido dito ele mesmo compõe todos esses discursos e tudo que se segue aos eventos, como um aluno em uma escola de retórica tentando falar sobre um tema dado, e exhibe os seus próprios dons oratórios em vez de reproduzir as palavras realmente faladas. (POLÍBIO, *Histórias*, 12.25)

Não se trata de ter escrito algo errado por ignorância (Políbio jamais diz que Timeu era um ignorante), mas sim de escrever algo errado de forma intencional. Isto sim seria um problema, algo errado e imoral. (BARON: 2013, 63)

[...] Como eu havia dito, aqueles que escrevem falsamente devido à ignorância devem receber uma correção gentil e o perdão, enquanto aqueles que fazem isso intencionalmente devem sofrer acusações sem fim [...] (POLÍBIO, *Histórias*, 12.7)

A segunda crítica de Políbio recai sobre a experiência. Para ele, a experiência prática é a base principal de um historiador, sendo a leitura das fontes uma base auxiliar na escrita da história. Devemos aqui lembrar que Políbio leva em conta nesta crítica sua própria experiência e faz dela parte fundamental de sua obra; enquanto Timeu baseou sua obra na leitura de fontes (SEBASTIANI: 2008, 12-13).

A respeito dos acontecimentos de guerra, não é possível que alguém sem nenhuma experiência dos labores guerreiros escreva bem, nem a respeito de constituições quem não experimentou dessas ações e circunstâncias. O restante da obra, carente de experiência prática porque fundamentado em conhecimento livresco, além de escrito sem expressividade, torna-se assunto vazio para os leitores; pois se da história alguém extraísse o que é capaz de ser-nos proveitoso, seu restante tornar-se-ia absolutamente dispensável e inútil. E ainda, a respeito de cidades e locais, sempre que alguém não exercitado na experiência específica deseja escrever por partes, é claro que forçosamente ocorre algo semelhante: deixa de lado muitas coisas dignas de relato, e constrói vasto texto a respeito de muitas que não são; isso se aplica sobretudo a Timeu, que não fez inspeções pessoais. (POLÍBIO; *Histórias*, 12. 25)

Todavia, não se trata somente de narrar coisas nas quais não possui experiência; Políbio critica a escrita de Timeu quanto à descrição de localidades. Tomemos como exemplo a descrição de Timeu acerca da África. Timeu descreve a África como arenosa, seca e improdutiva, “Timeu não tem conhecimento acerca deste assunto e parece narrar exatamente

o oposto dos fatos reais” (POLÍBIO, *Histórias*, 12.3) – ele deixa de lado a variedade de animais existentes no continente africano e os diversos alimentos ali encontrados.

Não se trata apenas de uma falta de experiência prática ou da escrita de algo sem confirmação visual, a questão é o comprometimento da própria obra como um todo. Dos três importantes fatores citados por Políbio para a escrita de uma história pragmática (consulta a documentos, observação das localidades e experiência prática), Timeu mostra e até mesmo conta possuir apenas um desses fatores (SEBASTIANI, 2008). Essa falta do conjunto leva justamente ao questionamento da utilidade da obra de Timeu. Para Políbio - como já dito de forma mais aprofundada no capítulo 2 - a história tem um fim pragmático, funcional e visa ensinar aqueles que lêem a obra. Contudo, como uma obra escrita contendo inverdades, fatores narrados com base na inexperiência ou simplesmente na leitura pode levar a uma história que ensine os leitores a não cometerem os mesmo erros do passado e a entenderem os acontecimentos do presente?

[...] e eu diria que a História irá bem quando os homens de ação passarem a escrevê-la não à maneira atual, como uma atividade acessória, mas quando, acreditando que essa é a mais necessária e mais bela das tarefas, eles se entregarem à mesma ao longo de toda a sua vida com uma dedicação integral, ou então quando os aspirantes a historiadores considerarem a preparação mediante o envolvimento em atividades reais um pré-requisito indispensável para escrever a História. Enquanto não for assim os erros dos historiadores nunca cessarão. (POLÍBIO, *Histórias*, 12.28)

Faz-se desnecessário analisar tal passagem da obra de Políbio, pois é nela que vemos todas as intenções presentes no livro 12 de suas *Histórias*. Trata-se de criticar os historiadores passados que pecaram em algum ponto para que o erro não volte a ser repetido por historiadores posteriores, de mostrar aos “aspirantes a historiadores” a importância da experiência prática e o envolvimento em assuntos reais e, de um modo um tanto “discreto”, engrandecer a própria figura de Políbio. Ele possuía o pacote completo e deixa isso claro em sua obra. Ele possuía uma boa educação, tinha o conhecimento das fontes, possuía experiência prática, buscou o uso de testemunhas e dedicou grande parte de sua vida à escrita da história.

Podemos inferir, ainda, que a crítica de Políbio a Timeu estaria inserida na disputa entre duas correntes historiográficas contemporâneas dos autores. A primeira seria portadora

de importantes objetivos culturais e políticos a serem perseguidos (em forma de uma propaganda e fiel a sua verdade) e a segunda uma historiografia que trazia consigo todas as técnicas políticas que deviam ser aprendidas para que o político não cometesse os mesmos erros do passado. Ou seja, de um Timeu que fornece as bases políticas sem se preocupar com a forma como estas iriam ser utilizadas, contra um Políbio que vê como terreno comum entre o historiador e os homens a ética, voltada para a prática do sucesso político (SEBASTIANI, 2008).

Deve-se notar também que a crítica direcionada a Timeu está relacionada com sua historiografia, deixando de lado uma crítica pessoal que, de acordo com Baron (2013, 64), era algo extremamente comum na historiografia helenística<sup>18</sup>. Contudo, Políbio critica a “moral” de Timeu – de uma forma mais superficial e específica (BARON, 2013). Sua crítica moral se encontra justamente na falta de vontade de Timeu em adquirir as experiências que lhe faltavam. Não tendo buscado uma experiência prática, Timeu deixou de lado o conhecimento adquirido pela vivência, se afastou da política e da importância que possui na história e, conseqüentemente, acabou por se tornar o historiador com menor bagagem – dando o lugar de grande historiador grego sobre Roma para Políbio.

[...] seguiu diligentemente uma delas – a consulta dos livros, como já tive ocasião de dizer-, porém foi muito negligente quanto ao uso da outra, ou seja, a interrogação de testemunhas vivas. É fácil perceber a motivação de sua escolha. As pesquisas em livros podem ser feitas sem perigos ou dificuldades, e dependem apenas do acesso a uma cidade onde haja abundância de documentação ou uma biblioteca disponível. Depois disso resta ao pesquisador apenas realizar tranquilamente a sua tarefa, cotejando os relatos de escritores diferentes sem enfrentar qualquer problema. A investigação pessoal, ao contrário, requer trabalho árduo e é dispendiosa, mas é extremamente valiosa e constitui a parte mais importante da História.[...] (POLÍBIO, *Histórias*, 12.27)

Políbio critica ainda as “narrações cheias de sonhos, de prodígios, de histórias incríveis, em suma, de sinais de uma superstição grosseira” (POLÍBIO, *Histórias*, 12.24).

---

<sup>18</sup> Segundo Baron (2013, 64), Timeu faz uso dessa crítica pessoal quando critica Homero, Aristóteles e Democares, chegando a criticar fatores como: hábitos alimentares, atividades sexuais e experiências na infância. Para maiores detalhes ver POLÍBIO (*Histórias*, 12.23).

Contudo, tal crítica é feita de forma breve, e tendo em vista todas as críticas já apontadas posteriormente está só se soma ao grande pacote de erros historiográficos atribuídos a Timeu ppor Políbio, quando se trata da utilidade da História.

Por último, Políbio critica a própria crítica de Timeu, ou seja, sua forma de criticar historiadores anteriores por cometerem diversos erros, sendo que ele mesmo chega a cometer os erros previamente criticados. Temos aqui outro exemplo de um errar não por ignorância. Afinal, como homem estudado Timeu possuía um vasto conhecimento e cometeria facilmente tamanho equívoco. Trata-se, portanto, de um “errar por insistir no erro”.

[...] embora ataque veementemente Éforo, [Timeu] é culpado ele mesmo de duas faltas graves; a primeira é acusar acerbamente outros historiadores de erros que ele mesmo comete, e a segunda é demonstrar uma extrema depravação de espírito ao fazer essas acusações e ao querer impingir as suas próprias opiniões aos leitores. Se de fato Calístenes mereceu perder a vida entre torturas, que destino deveria ter tido Timeu? A ira dos deuses deveria ter caído sobre ele com mais justiça do que sobre Calístenes. Este último desejou divinizar Alexandre o Grande, mas Timeu quis fazer Timoleão parecer maior do que os deuses mais veneráveis; [...] Eu já disse o bastante para defender Aristóteles, Teofrato, Calístenes, Éforo e Democares dos ataques de Timeu, e para convencer as pessoas que, não tendo disposição para contradizer as suas afirmações, se deixam persuadir cegamente por esse autor como se ele falasse a verdade. (POLÍBIO, *Histórias*, 12. 23)

Timeu é, assim, quase que uma versão oposta de Políbio, sendo ao convergirmos todas as críticas uma antítese do historiador ideal tal qual pintado por Políbio. É certo que Políbio podia não se encontrar completamente certo em todos os pontos de sua obra, especialmente ao criticar Timeu por suas superstições, uma vez que o próprio Políbio faz uso da *tyché* em sua obra, ou ao criticar Timeu por engrandecer homens. Ora, ele mesmo acaba por se engrandecer ao criticar Timeu, fator inegável mesmo que feito de forma um tanto discreta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dominação romana de todo o mundo por eles conhecido em menos de cinquenta e três anos foi motivo de fascinação e admiração para Políbio. Era não somente um fato nunca antes visto, mas algo que deveria ser registrado. E para registrar algo único era preciso uma nova abordagem historiográfica, que tomasse as medidas necessárias para registrar da forma correta todas as informações relevantes.

Assim, temos a historiografia pragmática de Políbio, algo tão inovador para o mundo helenístico quanto a ascensão romana. Nela vemos a preocupação não em agradar o leitor com uma leitura agradável, mas sim de educar aquele que lesse suas *Histórias*. Utilidade, essa foi a preocupação fundamental ao escrever sua obra, da mesma forma que fora, no período clássico, a de Tucídides. Utilidade no ensinamento não de uma história parcial, mas de uma que explicasse as proporções universais da história; utilidade também para que os erros do passado fossem aprendidos e nunca mais cometidos, e para que a escrita da história sofresse as mudanças necessárias.

Para mudar a historiografia existente até seu tempo, considerada parcial e incompleta por Políbio, ele faz uso da crítica a outros historiadores. A principal e fundamental crítica é a que foi dirigida a Timeu. Historiador de grande renome e extremamente apreciado em parte do mundo helenístico, ele era para Políbio tudo o que um historiador não deveria ser. Sua preocupação em entreter o leitor, em relatar de forma tão bela quanto possível aquilo que havia acontecido vai contra a busca pela verdade entendida por Políbio. Verdade esta que só pode ser encontrada quando combinamos a leitura de fontes, de experiências práticas e observação de localidades.

Uma vez que Políbio não criticou somente Timeu em suas *Histórias*, a análise feita neste trabalho buscou mostrar como a crítica a Timeu está fortemente ligada com a própria escrita da história de Políbio. Mais do que ligada de fato, ela é um exemplo de tudo aquilo que uma história não deve ser, de tudo que um historiador deve evitar e do que os leitores não devem buscar quando desejam entender o mundo que os cerca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

- POLÍBIO. **Histórias. Tradução de Mário da Gama Kury.** 2. ed. Brasília: Unb, 1985.
- POLYBIUS. **Polybius: The Histories. Trad. W.R. Paton.** Cambridge, MA: Loeb Classical Library, 1992.

### BIBLIOGRAFIA

- BARON, Christopher. **Timeu of Tauromeniun and the Hellenistic Historiography.** Usa, Cambridge University Press, 2013.
- London: The Society for the Promotion of Roman Studies, 1979. p. 1-15.
- BURY, J.B. **The Ancient Greek Historians.** New York: Dover, 1908
- DEROW, P. S. **Polybius, Rome and the east.** The Journal of Roman Studies, v. 69. London: The Society for the Promotion of Roman Studies, 1979. p. 1-15.
- ERKISNE, A. **Moral vision in the Histories of Polybius.** University of California Press, 1995.
- FINLEY, M. **The Portable Greek Historians: The Essence of Herodotus, Thucydides, Xenophon, Polybius.** Penguin Books. 1977.
- FORNARA, Charles Willian. **The Nature of History in acient Greece and Rome.** Londres, Inglaterra: University Of California Press, 1983.
- JACOBY, F. **Die Fragmente Der Griechischen Historiker: Part Four; Biography and Antiquarian Literature : IV A : Biography : Fascicle 1 : The Pre-Hellenistic Period.** Brill Academic Pub. 1998.
- PÉDECH, Paul. **POLYBE. Histoires. Tome I. Livre I. Collection des Universités de France.** Introdução geral, Estabelecimento do original e tradução de Paul Pédech. Paris: Les Belles Lettres, 2003. p. ix-xx.
- SEBASTIANI, B. B. . Políbio. In: Maurício Parada. (Org.). **Os historiadores: clássicos da história.** 1ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ / Editora Vozes, 2012, v. 1, p. 51-67.
- \_\_\_\_\_. Políbio contra Timeu, ou o direito de criticar. **História, Historiadores, Historiografia.**, São Paulo, n. , p.405-427, 01 ago. 2010.
- WALBANK, F.W. **Polybius.** Berkley and Los Angeles: University of California Press, 1990.
- WATERFIELD, Robin; MCGING, Brian. **The Histories.** Usa: Oxford University Press, 2010. 560 p

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Camilla Nunes Campos, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Políbio contra Timeu: a antítese do historiador ideal” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Delcero ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

---

Camilla Nunes Campos

Brasília, 18 de julho de 2013.